



Porque a Europa de 2026 não precisa de desejos, mas sim de uma estratégia de sobrevivência.

Por Alexander Wolf, Diretor do Gabinete da Fundação
Hanns-Seidel/Euronews

Enquanto milhões de europeus renovam os seus contratos de ginásio ou se comprometem com o "[janeiro seco](#)", este ritual de auto-otimização privada na passagem do ano 2025/26 parece estranhamente desatualizado.

2025 não foi apenas mais um ano turbulento nos livros de história, mas o ano em que a velha ordem mundial foi finalmente enterrada.

No dia 1 de janeiro de 2026 quem olhou para trás com honestidade, percebeu que as boas intenções já não são suficientes - é necessária uma estratégia de sobrevivência.

Os acontecimentos do ano passado - desde as mudanças tectónicas do [Dia da Libertação](#), em abril, até ao ataque aberto à independência da Reserva Federal dos EUA - foram o último tiro de aviso na proa do velho continente.

A mensagem que muitos em Berlim, Bruxelas e Paris ainda não querem ouvir é que o Ocidente, tal como o conhecíamos, já não existe.

Para o ano político e económico de 2026, isto significa uma recalibração radical: o tempo da ingenuidade estratégica acabou.

Não podemos continuar a dar-nos ao luxo de fazer resoluções de Ano Novo que serão esquecidas em fevereiro.

O que a Europa precisa agora é de um olhar direto sobre a realidade - e a vontade de dizer adeus a três ilusões confortáveis que nos embalaram numa falsa sensação de segurança durante demasiado tempo.

Ilusão 1: "Os EUA estão a voltar"

Olhar com esperança para o outro lado do Atlântico tornou-se um reflexo político na Europa. Em 2026, temos de aprender a suprimir este reflexo. O pressuposto de que a relação transatlântica voltará ao estado normal dos anos 90, após uma breve fase de irritação, é perigoso e paralisante.

O mercado de capitais, frequentemente o indicador mais honesto das realidades geopolíticas, há muito que votou a favor. O ouro ganhou cerca de 60 por cento em 2025, enquanto os investidores globais se retiraram cada vez mais das posições em dólares e reafetaram a sua exposição a portos seguros.

Não se trata apenas de um ruído cíclico, mas de um voto estrutural de não confiança na antiga moeda de reserva. Para a Europa, isto significa que 2026 deve ser o ano da emancipação da política financeira e de segurança.

Temos de aprender a nadar sem o "grande irmão". Não se trata de antiamericanismo, mas de soberania.

Um pilar europeu na NATO digno desse nome e uma zona euro com mercados de capitais aprofundados, capazes de absorver de forma independente os choques vindos do exterior, já não são projetos "bons de ter". São o seguro de vida do nosso modelo.

Ilusão 2: "O mercado resolverá o problema com a China"

Durante décadas, o mantra na Alemanha e na Europa foi: "Mudança através do comércio".

Acreditava-se que, com exportações suficientes, os sistemas acabariam por se harmonizar. O ano de 2025 veio finalmente desmentir esta esperança. A concorrência com a China não é uma luta normal por quotas de mercado, mas sim uma concorrência sistémica de cortar a garganta.

Se a inovação está a surgir em Shenzhen a um ritmo com que a Europa só pode sonhar, isso não é um convite à concorrência leal, mas uma tentativa de aquisição tecnológica. Ao mesmo tempo, a escalada dos direitos aduaneiros dos EUA no ano passado abalou a ordem comercial mundial e colocou a Europa entre as frentes.

A resposta europeia a este fenómeno em 2026 não deve continuar a ser larápia. Temos de deixar de ver a política industrial como a queda em desgraça da economia de mercado. A promoção orientada de tecnologias-chave como a mobilidade eléctrica, a robótica e a inteligência artificial não é, este ano, um "subsídio" clássico, mas sim uma autodefesa.

Quem quiser que o "Made in Germany" ou o "Made in Europe" continuem a ter peso em 2036 tem de recuperar a autonomia estratégica sobre as cadeias de abastecimento e as capacidades de produção.

O mercado regula muitas coisas - mas não regula a geopolítica.

Ilusão 3: "A IA vai fazer o meu trabalho"

Enquanto a Europa age de forma demasiado hesitante a nível macroeconómico, a histeria prevalece frequentemente a nível individual.

O receio de que a inteligência artificial (IA) venha a destruir massas de empregos ignora a realidade demográfica do continente: a Europa está a encolher, o estrangulamento é a mão de obra e não os empregos. A escassez de mão de obra acompanhar-nos-á para além do novo ano - quer queiramos quer não.

Mas também aqui se aplica o seguinte: quem não faz nada, perde. 2026 será o ano dos especialistas. A IA não é um assassino de empregos, mas um assassino de mediocridade. Penaliza a mediocridade e recompensa a excelência. Aqueles que realizam tarefas generalistas que um algoritmo pode fazer mais rapidamente e de forma mais económica ficarão sob pressão. Por outro lado, aqueles que combinam conhecimentos humanos aprofundados - seja em artesanato, estratégia, cuidados ou investigação - com a tecnologia estão entre os vencedores.

Para os sistemas educativos e as empresas, isto significa abandonar a formação de generalistas em favor da promoção de competências profundas.

A tecnologia é a alavanca que permitirá à Europa manter a prosperidade apesar da diminuição da população - mas apenas se o continente a dominar e não se limitar a consumi-la.

A ordem do dia: autonomia estratégica

O que é que resulta do fim destas três ilusões?

O lema para 2026 não pode ser "crescimento a qualquer preço" ou "regresso à normalidade". Tem de ser a autonomia estratégica.

A Europa depende apenas de si própria: nem Washington nem Pequim salvarão o continente; ambos defendem os seus interesses nacionais com um rigor que a Europa terá de reaprender.

Isto parece sombrio, mas não é pessimismo, é realismo - e o realismo é o primeiro passo para a força.

A Europa tem uma substância imensa: um dos maiores mercados internos do mundo, recursos intelectuais, poder financeiro e uma história de resiliência. 2026 é o ano em que esta substância deve ser finalmente utilizada em termos de política de poder.

Em vez de resolvermos "fazer mais desporto", devemos resolver "ousar mais realidade".

Aqueles que entrarem neste ano com uma estratégia clara e sem ilusões poderão não só resistir à tempestade, mas também navegar por ela. Por outro lado, aqueles que esperam que o vento se acalme e que o velho mundo regresse, mais cedo ou mais tarde, acabarão por naufragar.